

A representação da figura feminina no folheto *Casamento e Divórcio da Lagartixa*, de Leandro Gomes de Barros

Ana Maria Henrique de Sousa (PPGLE/UFCCG)*

<https://orcid.org/0000-0002-9738-8827>

Naelza de Araújo Wanderley (UAEF/PPGCF/PPGLE/UFCCG)**

<https://orcid.org/0000-0002-3622-7317>

Resumo:

A representação feminina, na literatura, é recorrente, sendo fonte de debates entre os estudiosos acerca de tal representação. Na literatura de cordel, a figura feminina também é evidenciada. As histórias do gênero abrangem uma diversidade de temas, dentre estes, a figura feminina é enfocada assumindo diferentes faces: ora ingênua, frágil, submissa, ora infiel, cínica e maliciosa. Dessa maneira, objetivamos observar como a figura feminina é representada no folheto *Casamento e divórcio da Lagartixa*, de Leandro Gomes de Barros. A pesquisa é de natureza qualitativa e de cunho bibliográfico. As fontes para o estudo compõem-se de autores que discute sobre a abordagem do texto de cordel em sala de aula, como Marinho e Pinheiro (2012), Pinheiro (2013, 2018, 2020), Abreu (1999), Bradesco-Goudemand (1982) e Curran (1973). E para a discussão sobre a figura feminina, recorreremos a autoras como Zolin (2009), Del Priore (2004), e Perrot (2007). Diante do exposto, esperamos que este estudo venha a contribuir com a crítica acerca da obra de Leandro Gomes de Barros, ao discutir a representação da figura feminina como possibilidade de sentido oferecida por essa narrativa poética.

Palavras-chave: Representação feminina; Crítica social; Literatura de Cordel.

* Graduada em Licenciatura em Pedagogia com habilitação em Educação Infantil e Anos iniciais do Fundamental pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCCG). Especialização em Educação Infantil (FIP). Atualmente é Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande, (PPGLE / UFCCG). Lattes <http://lattes.cnpq.br/9307771462232836>. E-mail: ana_maria1102@hotmail.com.

** Graduação em Licenciatura plena em Letras FAFIPA / FFM, Especialização em Metodologia do Ensino Superior pela FFM / UFPP, Mestrado em Letras (UFPP), Doutorado em Letras (UFPP) e Pós-doutorado na área de Letras (UFPE). Atualmente, é professora Titular da Universidade Federal de Campina Grande, integrando o corpo docente do Curso de Engenharia Florestal (UAEF/UFCCG), do Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais (PPGCF/UFCCG) e do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE / UFCCG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3611928212835405>. E-mail: naelzanobrega@gmail.com.

Abstract:

The representation of the female figure in the cordel *Casamento e Divórcio da Lagartixa*, by Leandro Gomes de Barros

The female representation, in the literature, is recurrent, being a source of debates among scholars about such representation. In cordel literature, the female figure is also highlighted. The stories of the genre cover a variety of themes, among which the female figure is focused on assuming different faces: sometimes naive, fragile, submissive, sometimes unfaithful, cynical and malicious. In this way, we aim to observe how the female figure is represented in the booklet *Casamento e Divórcio da Lagartixa*, by Leandro Gomes de Barros. The research is qualitative and bibliographic in nature. The sources for the study are composed of authors who discuss the approach to the cordel text in the classroom, such as Marinho and Pinheiro (2012), Pinheiro (2013, 2018, 2020), Abreu (1999), Bradesco-Goudemand (1982) and Curran (1973). And for the discussion about the female figure, we turned to authors such as Zolin (2009), Del Priore (2004), and Perrot (2007). Given the above, we hope that this study will contribute to the criticism of the work of Leandro Gomes de Barros, by discussing the representation of the female figure as a possibility of meaning offered by this poetic narrative.

Keywords: Female representation; Social criticism; Cordel Literature

Introdução

Historicamente, o cordel faz parte de uma herança ibérica, trazida pelos portugueses, para o Brasil colonial. Foi inicialmente poetizado nas ruas e praças, disseminado principalmente na região nordeste e comercializado em lugares, como: feiras e barracas. Embora possua raízes europeias, estudiosos, como a professora Márcia Abreu, em seu livro *Histórias de cordéis e folhetos*, afirmam que a literatura de cordel, aqui enraizada, em muito se diferencia do cordel português, uma vez que, ao chegar ao solo brasileiro, adquiriu novo significado e se adaptou à realidade local.

Logo, o cordel ganha popularidade com seus folhetos de baixo custo e de fácil acesso. Seus enredos, compostos por ampla diversidade temática, se estendem a adaptações de textos, que vão desde contos infantis, contos

populares, histórias regionais, clássicos da literatura universal até temas do cotidiano e denúncias sociais.

Em meio a essa diversidade, também estão os folhetos que tratam sobre a figura feminina, representada, muitas vezes, como ser ingênuo, frágil e subserviente ao marido, ou mesmo como malvada ou símbolo de prazer. Por outro lado, a representação do homem, no folheto, na maioria das vezes, está vinculada a uma imagem de superioridade e masculinidade.

Diante desse cenário, nosso estudo parte do seguinte questionamento: como a figura feminina é representada no folheto *Casamento e divórcio da Lagartixa*, de Leandro Gomes de Barros? A indagação surgiu a partir da observação sobre as muitas formas utilizadas pelos poetas populares, para

descrever a figura feminina em seus poemas e da leitura de folhetos do poeta popular Leandro Gomes de Barros, mais especificamente do folheto em destaque, que, mesmo centrado em uma temática aparentemente ingênua e bem-humorada, que trata do tempo em que os bichos falavam, segundo Bradesco-Goudemand (1982), ele também faz parte do “ciclo satírico”, que, entre outras, inclui as histórias em que os animais vivem como seres humanos e apresentam, em seus enredos, casamentos e intrigas.

Assim, o cordel em questão – *Casamento e divórcio da Lagartixa* – apresenta a história de um Calango e de uma Lagartixa, que partilham o desejo de se unirem em matrimônio. O enredo destaca a Lagartixa como uma criatura traiçoeira, que engana e trai o parceiro. Já o Calango é caracterizado como bobo, enganado e traído. Observemos, de forma bastante singular, que o poeta popular proporciona ao leitor uma visão crítica da sociedade e do ser humano, através do humor e da sátira. Assim, é possível também observar, no folheto de Leandro Gomes de Barros, algumas representações da figura feminina, ao longo dos versos dessa narrativa poética.

O nosso estudo apresenta como principais suportes teóricos, com relação à literatura de cordel, os estudos de Marinho e Pinheiro (2012), Pinheiro (2013, 2018, 2020), Abreu (1999), Bradesco-Goudemand (1982) e Curran (1973). No que diz respeito ao feminino, os apontamentos de Zolin (2009), Del Priore (2004) e Perrot (2007).

Dessa forma, a partir da leitura do folheto, desenvolvemos o nosso estudo em tópicos. No primeiro, apresentamos alguns dados biográficos sobre o poeta Leandro Gomes de Barros, bem como sobre as três versões do folheto *Casamento e divórcio da Lagartixa*, identificadas com as autorias dos poetas Leandro Gomes de Barros, Manoel Pereira

Sobrinho e João Martins de Athayde, respectivamente. No tópico seguinte, discutiremos sobre a temática dos animais como parte integrante do folheto, em torno da qual giram o humor, a sátira e o delineamento de uma representação feminina. Por fim, em nossas considerações finais, apresentamos uma espécie de síntese conclusiva acerca das discussões realizadas ao longo deste estudo.

O casamento e divórcio da Lagartixa: folhetos e versões para uma história “maliciosa”

O folheto *Casamento e divórcio da Lagartixa*, como já foi dito, é um cordel do poeta popular Leandro Gomes de Barros. Embora algumas capas de cordel tragam o nome do também poeta João Martins de Athayde, estudiosos da poesia de cordel afirmam a autoria de Leandro Gomes de Barros, uma vez que essa diversidade de capas e de autoria acontece devido ao fato de a esposa do poeta, D. Venustiniana Eulália de Barros, ter vendido os direitos autorais do cônjuge a João Martins de Athayde¹, três anos após sua morte.

Leandro Gomes de Barros foi um paraibano que nasceu no município de Pombal, em 19 de novembro de 1865 e faleceu na cidade de Recife, em 04 de março de 1918, aos 52 anos. Considerado, por muitos, como “O pai do Cordel”, possui uma vasta coleção de obras, que abrange diversos temas, como: a seca no Nordeste, a política no país, a sogra malvada, os animais astuciosos, entre outros. Para Curran (1973, p. 216), “Leandro Gomes de Barros foi o epítome do poeta popular do Nordeste. Foi não só um dos pri-

1 Segundo a Fundação Casa de Rui Barbosa, João Martins de Athayde nasceu em Cachoeira de Cebolas, povoado de Ingá do Bacamarte, Paraíba, em 23 de junho de 1880, mas se mudou para Pernambuco alguns anos depois. O poeta faleceu em Limoeiro (PE), em 1959.

meiros a escrever e imprimir folhetos que incluem o melhor da tradição oral, mas também o mais prolífico dos poetas populares”.

O poeta de cordel dedicou sua vida a escrever versos populares e a desafiar cantadores. Seu público era amplo, abrangendo cangaceiros, cantadores, feirantes, vaqueiros e matutos. Isso foi/é possível, porque o poeta comunica, a partir de sua poesia, experiências que possibilitam ao leitor uma assimilação significativa. Segundo Pinheiro (2018, p. 17-18), “o modo como o poeta diz – e o que diz – ou comunica sua experiência permite um encontro íntimo entre leitor-obra que aguçara as suas emoções e sua sensibilidade”.

De acordo com Abreu (1999), Leandro Gomes de Barros se destacou pelo número considerável de obras e por ser responsável pelo início da produção sistemática dos folhetos, em sua gráfica, por volta de 1893. Oliveira (2017, p. 79) acrescenta ainda que suas produções passaram a ter importância maior “por ter se tornado também um paradigma para todos os poetas que o sucederam. Não havia um só poeta que não se inspirasse em seu trabalho, na sua escrita e na maneira como ele produzia suas narrativas”.

A obra *Casamento e divórcio da Lagartixa* é um poema com 70 estrofes, em formato de sextilhas² (estrofes com seis versos), rimando os versos pares e deixando órfãos os versos ímpares. Tal cordel versa sobre a história de uma Lagartixa que vive à procura de um marido. Nessa busca, ela encontra o Calango, que também possui o mesmo desejo de se casar. Ambos começam a namorar escondidos do pai dela; porém, quando este descobre o namoro, ele já está para ser avô. Insatisfeito com o ocorrido, o pai da Lagartixa procura o Cururu (autoridade local), exi-

gindo justiça. Assim, o subdelegado passa a monitorar o jovem casal, o que faz com que eles acabem se separando.

O Calango fica foragido, o que não impede a Lagartixa de arranjar logo outro marido. Porém, o Calango resolve virar homem honrado, casa com a Lagartixa e abre um negócio, que deixa sob os cuidados da esposa, enquanto resolve assuntos fora. A Lagartixa, cansada da vida e querendo sua liberdade (para ter outros maridos), ameaça o Calango com o divórcio. Este, por sua vez, descobre que ela, mesmo antes do casamento, já namorava o seu primo, Papa-vento. Indignado com a traição, o Calango desafia seu primo para um duelo. No duelo, um gato aparece, come o Calango, e uma Seriema devora a Lagartixa. O Papa-vento sai como sortudo, pois consegue sair vivo; além disso, estava livre da Lagartixa, que apresentava um caráter duvidoso.

Esse cordel, como tantos outros de Leandro Gomes de Barros, acabou sofrendo algumas alterações, quando João Martins de Athayde comprou todos os direitos autorais do poeta, pois, no documento, fica claro que o editor-proprietário pode fazer o que melhor lhe convier com as obras. Assim, Athayde não só retirou da capa o nome de Leandro Gomes de Barros, como também editou alguns textos, como podemos ver no título do folheto em destaque, pois, na versão original, se intitulava *Casamento e divórcio da Lagartixa*, enquanto na versão de João Martins de Athayde o poema ficou como *O casamento do Calango*³. Além do título da obra, é notória a substituição de algumas palavras, como podemos perceber nas estrofes a seguir:

2 A sextilha é a modalidade de estrofes, em que a rima corresponde aos versos pares da estrofe. Segundo Marinho e Pinheiro (2012, p. 26), “é o tipo de estrofe predominante na literatura de cordel”.

3 Cabe observar que tanto a versão de Athayde quanto a versão de Sobrinho apresentam a palavra Calango, variação de Calangro, para substituir o termo utilizado por Leandro Gomes de Barros, para identificar o animal / personagem que se casa com a Lagartixa.

| <i>Casamento e divórcio da Lagartixa</i> , Leandro Gomes de Barros. | <i>O casamento do Calangro</i> , João Martins de Athayde. |
|---|---|
| <p>E foi o velho Lagarto Queixar-se à autoridade, Dizendo que o Calango Fez-lhe aquela falsidade, Desonrou a sua filha Sendo de menor idade.</p> <p>(BARROS, 2000, p. 05, grifo nosso)</p> | <p>O velho Lagartixo foi Queixar-se a autoridade Foi queixar-se que o Calango Fez-lhe aquela falsidade Desonrando a filha dele Sendo de menoridade.</p> <p>(ATHAYDE, 1978, p. 05, grifo nosso)</p> |

Desse modo, é possível perceber que, entre as duas edições, algumas palavras foram substituídas por Athayde, mas, apesar da supressão de algumas estrofes, o enredo da narrativa poética foi mantido, permanecendo sem grandes alterações, no que se refere à representação das personagens ou ao desfecho destas.

Há, ainda, pelo menos mais uma versão desse poema, a de Manuel Pereira Sobrinho⁴, *O casamento do Calangro Com a Lagartixa*, de 1959. Ela faz parte de um folheto, que traz duas histórias em versos, sendo a primeira o poema “No tempo que os bichos falavam”. Segundo informações biográficas do poeta, encontradas na página da Fundação Casa de Rui Barbosa, este foi convidado pela Editora Prelúdio (atual Luzeiro), para reescrever algumas histórias de cordéis de poetas consagrados, como os de Leandro Gomes de Barros. Daí se justifica o surgimento dessa outra versão sobre o casamento da Lagartixa.

Ademais, outro aspecto importante, que dificultaria a identificação da autoria desse folheto, refere-se à data de publicação, uma vez que, segundo Nascimento (1986),

4 O poeta nasceu em 08 de agosto de 1918, no município de Patos. De acordo com a Fundação Casa Rui Barbosa, por volta de 1948, o autor já morava em Campina Grande, cidade onde fundou sua própria Editora de folhetos, chamada *Casa Pereira*.

era costumeiro os poetas não datarem seus poemas, facilitando, assim, a adulteração por parte dos editores proprietários, visto que eles costumavam datar o folheto a cada tiragem da obra, confundindo, então, a indicação de publicação da primeira edição.

A versão de Manoel Pereira Sobrinho se diferencia da versão de Leandro Gomes de Barros, pois, enquanto no folheto do referido poeta, o Calango é colocado como sendo o tolo, que foi enganado pela Lagartixa interesseira, na versão de Sobrinho, o Calangro é o mulherengo da história e o amor entre eles supera a ignorância e soberba do pai do Calangro. O poema, na versão de Sobrinho (1959), possui 78 estrofes, em forma de sextilhas, com esquema rítmico, sendo o XAXAXA e apresentando acróstico nas duas estrofes finais.

O cordel *O casamento do Calangro com a Lagartixa*, de Manoel Pereira Sobrinho, conta a história dos animais no tempo em que eles dominavam a terra. O texto versa, especificamente, sobre a história do casamento do Calangro, filho de um fazendeiro rico da região, com a Lagartixa, uma rumbeira de mãe pobre. Esse fazendeiro tinha muito amor por seu filho, queria fazer dele uma pessoa importante na sociedade. No entanto, o Calangro logo abandonou a escola e passou a viver no cabaré, gastando o dinheiro de seu pai. Para dar um fim a essa vida le-

viana que o filho levava, o pai decide enviá-lo para a Marinha. Lá, o Crocodilo era o capitão e amigo do pai do Calangro. Porém, tal atividade não impedia que ele deixasse de gozar a vida. Quando ancorados, aproveitava para beber e descansar. Certa vez, pararam na cidade de Pocita, foi lá que ele encontrou uma rumbeira. Encantado por ela, o Calangro se aproximou e lhe perguntou seu nome. Ela respondeu rapidamente que se chamava Lagartixa, acrescentando ainda que tinha doze anos e que nunca havia namorado.

O Calangro, metido a conquistador, pediu a Lagartixa em namoro. Ela, então, perguntou seu nome e idade. Quando o Calangro respondeu à Lagartixa, ela “cresceu o olho”, pois ele era filho do maior fazendeiro da região. Porém, ela diz ser pobre e que um moço daquele porte não se interessaria em se casar com ela. O Calangro afirma que o que importa é o amor. A Lagartixa, então, fala que sua palavra é sim e que ele nela pode confiar. O Crocodilo chega e afasta os dois, levando o marinheiro com ele, de cabeça baixa.

O velho Calangro soube da ousadia de seu filho, ordenando ao Crocodilo que lhe desse uma lixa, pois não tinha cabimento seu filho se casar com uma Lagartixa. Prometeu lhe deserdar e até matar os dois, caso se envolvessem sem o seu consentimento. O Calangro foi obrigado a ficar longe de sua amada, mas, quando a Lagartixa descobre seu paradeiro, vai até lá e, impedida de ver seu amor, é presa. Sua mãe, a Lagartixa velha, chama sua comadre Cobra para salvar sua filha. As cobras se juntam e salvam o Calangro e sua amada, a Lagartixa. Após o ocorrido, o casamento acontece, sendo dias de festa.

Observemos como o folheto de Sobrinho se desvia da proposta de Leandro Gomes de Barros, uma vez que este coloca como destaque, em seus versos, a figura feminina. A

Lagartixa é a “deixa” para o poeta apresentar, na narrativa poética, toda a malícia da personagem, assim como permite entrever uma discussão que envolve instituições sacralizadas em nossa cultura nordestina, como o casamento e o papel da mulher na sociedade. Esse fato justifica o fato de centrarmos a nossa discussão na versão elaborada por Leandro Gomes de Barros, pois a versão apresentada por Sobrinho está centrada em um enredo que se abstém dos temas sugeridos/evocados pelos versos do poeta pombalense.

Sobrinho encerra a sua narrativa poética com o casamento da Lagartixa, uma personagem feminina, devidamente apresentada ao leitor, segundo os preceitos da sociedade da época, que se distancia do viés malicioso, sugerido por Leandro Gomes de Barros, para descrever a personagem em seus versos.

Sobre esse viés malicioso, que se passa no mundo dos batráquios, Bradesco-Goudemand (1982, p. 126-127) diz que o poeta apresenta

Uma sátira meio cômica, meio mordaz dos namoricos, do casal briguento e desunido; da mulher leviana e infiel, preguiçosa e cínica; do marido enganado e fraco, dois tipos particularmente insuportáveis no meio nordestino, onde se dá o maior valor a fidelidade da mulher e se considera o marido complacente (“homem mole, frouxo”) com um misto de desprezo e irritação.

Com relação ao folheto de Sobrinho, verificamos, a partir desse fragmento, que os animais, também nesse palco, atuam apenas como atores, de modo que a sociedade humana se encontra disfarçada sob “o véu da ficção”, pois, por trás desses personagens animais, há representações de seres humanos, vivendo e agindo como tal, conforme anunciado pelo poeta em uma breve introdução aos textos presentes no folheto, as-

sim como na primeira estrofe do cordel *No tempo que os bichos falavam*, que faz parte

do mesmo folheto em que consta o cordel *O casamento do Calangro Com a Lagartixa* :

| | |
|---|--|
| <p>História fabulosa que conta com detalhes a profissão de cada animal. No começo do mundo os animais falavam e haviam festas, convites e política; como hoje em dia fazem os homens.</p> | <p>Oh! Deus Pai e grande autor Das forças celestiais, Daime forte pensamento E potências autorais Para descrever a vida E a fala dos animais. (SOBRINHO, 1959, p. 03).</p> |
|---|--|

Outro ponto importante, a ser destacado aqui, é com relação às capas dos folhetos, que são signos relevantes para a estrutura visual do cordel, uma vez que, ao longo de sua existência, várias foram as formas encontradas pelo poeta popular para chamar a atenção de seus leitores a partir das capas. Nos folhetos em estudo, encontraremos nas capas diferentes formas de apresentação do casal de personagens, através do desenho popular.

De acordo com Linden (2018, p. 56), as ilustrações, na capa de uma publicação, não são fruto do acaso, mas trazem informações importantes sobre o enredo, pois, essa parte do folheto, “constitui antes de mais nada um dos espaços determinantes em que se estabelece o pacto da leitura. Ela transmite informações que permitem apreender o tipo de discurso, o estilo de ilustração, o gênero”. Desse modo, podemos verificar diferenças evidentes nas três capas do cordel em estudo.

A primeira capa do folheto *Casamento e divórcio da Lagartixa*, de autoria de Leandro Gomes de Barros, traz o casal de bichos numa postura de personificação humana, visto que o corpo parece humano e a cabeça, de réptil. Na segunda, *O casamento do Calangro*, de autoria de João Martins de Athayde, o casal aparece de costas para o leitor, sem aparência corpórea humana, mas vestidos com trajes típicos de noivos. Vale dizer que as duas capas apresentam igualmente ilus-

trações sem cores e os animais parecem pertencer à mesma espécie.

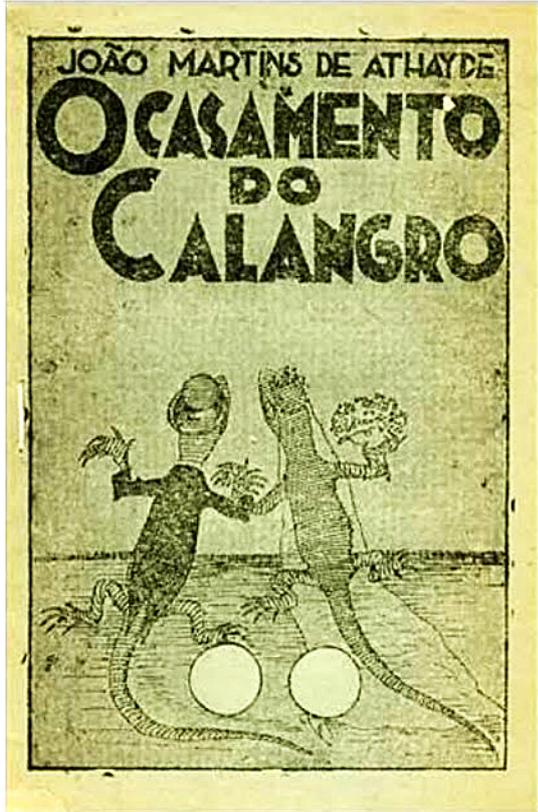
Por outro lado, a terceira capa, *O casamento do Calangro com a Lagartixa*, de Manoel Pereira Sobrinho, apresenta uma ilustração colorida e rica em detalhes, evidenciando a diferença entre a espécie dos dois animais: o Calango, mais alto e robusto, e a Lagartixa, menor e franzina, o que sugere a representação de uma estrutura mais comum ao sexo feminino em relação ao macho.

Figura 1- Versão de Leandro Gomes de Barros



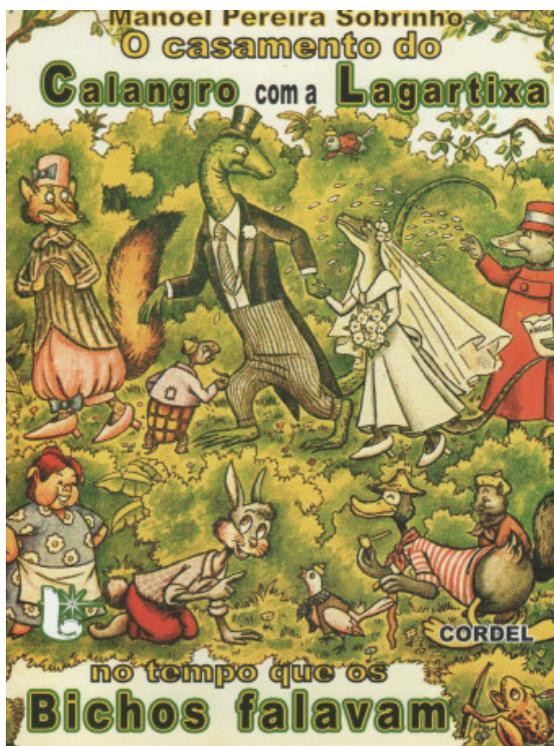
Fonte: Tupynanquim Editora (2000)

Figura 2- Versão de João Martins de Athayde



Fonte: <https://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2020/12/O-Casamento-do-Calango-com-a-lagartixa-Literatura-de-Cordel-por-Leandro-Gomes-de-Barros.pdf>

Figura 3- Versão de Manoel Pereira Sobrinho



Fonte: Editora Prelúdio (1959)

Também cabe destacar, na imagem colorida, o vestido branco, usado pela Lagartixa, um símbolo de pureza e castidade da noiva para os sertanejos. Esse é mais um dos aspectos que diverge da imagem feminina, apresentada por Leandro Gomes de Barros, para essa personagem.

Segundo Santaella (2007), o significado da imagem está para além dos elementos de constituição, uma vez que eles também são adquiridos ao serem consumidos, vistos e interpretados. Dessa maneira, quando o leitor faz a leitura das ilustrações, antes de se debruçar sobre o texto, ele imediatamente passa a ter ideia sobre o seu conteúdo, confirmando tal interpretação apenas quando completa o processo de leitura ou de escuta. Assim, compreendemos que as imagens, apresentadas nas capas dos folhetos, referenciam, através do desenho popular, elementos culturais, que fazem parte da história e do contexto da região nordeste, funcionando como uma porta de entrada para o enredo da narrativa poética diante do leitor.

No que se refere à representação da figura feminina nas três capas, é possível observar como a primeira ilustração revela figuras em vestes mais formais e mais próximas do universo humano, assim como há uma apresentação mais definida de itens, como título e demais indicativos sobre a publicação. A segunda ilustração já apresenta os noivos com características bem mais próximas de sua estrutura enquanto animais, mas estão devidamente vestidos de noivos, destacando, porém, a ausência de formalidade com relação à cerimônia de casamento, mas uma certa leveza, que se estende também à escolha das letras que foram utilizadas para indicar título e autoria. A terceira capa conta com as cores e revela, aos olhos do leitor, também uma imagem de leveza no que se refere à cena apresentada. Ainda assim, cabe

observar que nas três ilustrações permanece a imagem de uma noiva tradicional, com um vestido longo, usando véu e grinalda, como tradicionalmente ocorre na região. O branco, enquanto sinal de pureza da noiva, de fato, somente se percebe na terceira ilustração.

Dessa maneira, o conjunto de elementos, apresentados nos folhetos, desde as ilustrações das capas, até o conteúdo dos versos, pode não só encantar e atrair o leitor, mas também dar possibilidades a ele de realizar leituras diferenciadas, confrontando suas certezas a partir do próprio texto e de suas formas de apresentar personagens e narrar uma mesma história, fazendo com que ele amplie e/ou modifique sua forma de ver o mundo.

***Casamento e divórcio da Lagartixa*, de Leandro Gomes de Barros: uma história sobre o mundo dos animais?**

A relação entre sexo e poder é evidenciada em estudos que afirmam que essas concepções são construídas sob os pilares de uma política patriarcal. Segundo Zolin (2009, p. 217), “as relações de poder entre casais espelham as relações de poder entre homem e mulher na sociedade em geral; a esfera privada acaba sendo uma extensão da esfera pública”. Por conseguinte, a cômica representação do matrimônio, apresentada no folheto *Casamento e divórcio da Lagartixa*, afirma a ideia de que os nossos antepassados influenciam em nossa organização social, ou seja, o nosso núcleo familiar é liderado por um “chefe”. Tal organização, por sua vez, se estendeu, durante muitos séculos, atrelando essa liderança unicamente à figura masculina. Esse cordel, por exemplo, apresenta certa ironia em todo o enredo, do início ao fim, característica marcante nas obras do poeta Leandro Gomes de Barros.

O folheto *Casamento e divórcio da Lagartixa* tem como protagonistas os animais: a Lagartixa e o Calango. Esse cordel “refere-se ao tempo em que os animais falavam, vivendo como os homens, governando-se e casando-se como nós. Não se trata de simples serviços ou aliados, mas de verdadeiros atores em um mundo próprio” (BRADESCO-GOUDEMAND, 1982, p. 124). Aqui, a Lagartixa apresentava uma postura inaceitável para a época em que vivia, uma vez que a mulher deveria exibir um comportamento de mãe de família, dona do lar. Assim, qualquer atitude que fugisse dessa concepção de mulher virtuosa, contribuía para que ela fosse taxada de meretriz. Provavelmente, essa construção advém das virtudes, tradicionalmente apresentadas pelo patriarcalismo, em que a mulher foi, durante muitos anos, estereotipada, excluída e silenciada.

Com relação ao conceito de Patriarcalismo, Zolin (2009, p. 219) afirma que este é um “termo utilizado para designar uma espécie de organização familiar originária dos povos antigos, na qual toda instituição social concentrava-se na figura de um chefe, o patriarca, cuja autoridade era preponderante e incontestável.” No folheto em estudo, essa estrutura é mostrada pelo poeta, em forma de crítica social, uma vez que a figura do Calango, enquanto chefe da família, é desconstruída através das ações de sua esposa, revelando um cenário familiar bem diferente daquele estabelecido socialmente.

Assim, nesse folheto, é possível observar, no que se refere à temática, a existência de um caráter satírico quanto à estrutura familiar e ao contexto, em que ricos e pobres desempenhavam papéis de exploradores e explorados. Além disso, no metafórico mundo dos animais, “[...] os preconceitos de classe, fortuna e raça sobrepunham-se aos sentimentos; interesse e ambição reinavam (e des-

truíam) as relações entre os seres; maridos e mulheres brigavam, as esposas eram infiéis e os maridos enganados brigavam contra os amantes de suas mulheres [...]” (BRADESCO-GOUDEMAND, 1982, p. 124-126).

Esse aspecto pode ser identificado no texto de Leandro Gomes de Barros, através de uma narrativa que apresenta forte teor satírico, característica marcante do poeta. Conforme Curran (1986, p. 317), ele “é reconhecido por colegas, poetas contemporâneos e estudiosos como o melhor dos poetas populares. Embora escrevendo todo gênero de folhetos, seu forte era a sátira”.

Nessa obra, em específico, a mulher é representada pela Lagartixa; o homem, pelo Calango e, em meio a tudo isso, existe a necessidade de uma união, a partir de um casamento (característica puramente humana). Além disso, há a figura do sogro (pai da Lagartixa) e uma situação que envolve todos em uma trama. Esses personagens, especialmente a Lagartixa, são apresentados ao leitor com características pouco comuns ao contexto da época.

Ainda segundo o autor, o fato de Leandro Gomes de Barros narrar e comentar acontecimentos históricos de sua época, a partir de sua estreita relação com o povo, o torna porta voz deste, visto que, em suas obras, o poeta representava e comentava desde problemas sociais a tradições culturais, através da condição social que a população vivenciava (CURRAN, 1986). Essa maneira singular destacava seu estilo definido, por meio do sarcasmo, da imitação, do exagero, da ironia e do humor.

Ao falar sobre a sátira em Leandro Gomes de Barros, Curran (1986, p. 314-315) explica que

A extensão dos temas comentados pelo poeta folclórico: as histórias da cachaça e do jogo do bicho; a moralidade da época vista

nas minissaias ou no cabelo comprido; os intermináveis problemas dos sertanejos e matutos; as proezas dos cangaceiros do século vinte; a política e governo; acontecimentos atuais de interesse corrente, e outros temas. Uma vez que o povo do Nordeste conta com os folhetos da Literatura Cordel como fonte de informação, espécie de jornal do povo e de diversão pode-se ver o que interessa ao nordestino em assuntos da vida diária, e ainda conseguir certo conhecimento das suas preferências culturais.

Partindo desse pressuposto, compreendemos que a sátira aparece com frequência na literatura de cordel, produzida por Leandro Gomes de Barros, em cordéis de temáticas diversas, que vão do folheto de abordagem histórica ao amoroso ou moral, como podemos constatar no folheto *Casamento e Divórcio da Lagartixa*. Aqui, a personagem feminina é apresentada como um ser sem confiança, que trai e engana seu companheiro.

Segundo Oliveira (2017), independentemente de como a mulher é retratada nos textos de cordéis, seja como santa, seja como pecadora, cabe a ela “[...] um papel de inferioridade perante o homem”. Ainda de acordo com a autora, a forma como a imagem feminina é satirizada por Leandro Gomes de Barros é apenas o resultado da forma com que a mulher é vista por ele, pois, “[...] o poeta reforça um discurso sobre a mulher que vinha sendo sustentado no âmbito da sociedade patriarcal nordestina desde a Colônia” (OLIVEIRA, 2017, p. 78).

No enredo, a abordagem satírica está direcionada não somente ao comportamento descrito para a Lagartixa, mas também a todo um contexto, que envolve, do ponto de vista social, a instituição casamento, assim como os valores compartilhados pela sociedade da época, referente ao que seria apropriado para as atitudes das mulheres,

aqui metaforizada através da personagem da Lagartixa. Assim, o poeta passa a trazer para os seus versos temáticas, como: traição, machismo, casamentos por interesse, entre outros.

É possível olhar o cordel também por outro viés, como o da fabulação, pois, segundo Tomachevski *apud* Franco Junior (2009, p. 36), “chama-se fábula o conjunto de acontecimentos ligados entre si que nos são comunicados no decorrer da obra”. Assim, percebemos no folheto características do gênero, desde a organização da estrutura (começo, meio, fim; e, ao final, uma lição moral), bem como a personificação dos animais, pois estes possuem comportamentos e falas comuns aos seres humanos. Quanto ao título, está em evidência a denominação dos personagens/animais. Ambos os gêneros, fábula e cordel, apresentam narrativas comuns na transmissão oral, mas que não impedem de ser registrados de maneira escrita. Segundo Bradesco-Goudemand (1982, p.92),

As histórias de animais (fábulas, contos, apólogos) trazem, na sua maioria um conjunto de convenções, de tradições, das quais algumas remontam a Antiguidade, a Bíblia, a Idade média. O caso das fabulas é típico, já que os fabulistas, sem se preocuparem muito com a verdade “naturalista” (sabe-se que o entomologista Fabri ocupou-se em revelar os erros de La Fontaine neste domínio), põem em cena animais que finamente observaram, mais aos quais atribuem caracteres morais sem fundamento algum: orgulho, ambição, imprudência, ciúme etc. as histórias se baseiam em arquetípicos, sobre convenções, da mesma maneira que o teatro. Esses traços morais preconcebidos dependem do aspecto do animal e de seus hábitos, e também de todo um passado.

O final trágico no enredo estabelece relação com essa triste realidade, que se perpetua em nossa sociedade que é a idealização da figura feminina como símbolo da perfei-

ção e da virtude, representada pela submissão e pela obediência a uma figura masculina familiar: pai, irmão ou marido. Por esse motivo, qualquer comportamento feminino, que fuja da subserviência ao homem, é encarado como falta de virtude, defeito grave, que precisa de conserto.

Com efeito, o folheto *Casamento e divórcio da Lagartixa* proporciona um final inusitado e talvez inesperado pelo leitor, pois se apresenta como uma narrativa fabulosa, tendo o objetivo de servir como modelo às mulheres adeptas aos novos conceitos de igualdade e liberdade. Ele tenta transmitir uma imagem de como as mulheres bem vistas não devem agir perante a sociedade, assumindo, então, um viés de instrução, como podemos observar nas estrofes a seguir:

Trocaram mais quatro tiros
Porém nenhum atingiu,
O Papa-vento puxou
Pela espada e partiu,
Logo no primeiro encontro
A Lagartixa sorriu.

Disse: bravos Papa-vento
Gostei de ver teu sistema:
Bater logo o ferro frio
Inda que chore ou gema
Naquele momento viram
O Gato e a Seriema.

O Papa-vento correu
E subiu por um cipó,
A Lagartixa, coitada,
Essa ficou que fez dó,
A Seriema comeu-a
Para não deixá-la só.

O Papa-vento saiu
Que parecia um corisco
Subiu num cipó e disse;
Aqui eu não corro risco,
O Gato foi ao Calango
E fez dele um bom petisco.

A Seriema pegou
A Lagartixa no meio
Saboreou-a no bico
Ficou com o papo cheio,
Isso resulta à pessoa
Que sorri do mal alheio.

Papa-vento olhou de cima
Disse: Couro velho espicha,
Eu ia me desgraçando
No namoro dessa bicha,
O diago é quem quer mais
Namoro de Lagartixa.

O Calango se acabou
Eu quase que tenho fim,
Lagartixa tão caipora
Nunca tinha visto assim,
Mil diabos a carregue
Para bem longe de mim.

D'agora em diante sei
Quanto custa namorada,
Logo a primeira que tive
Foi assim estuporada,
A segunda com certeza
Inda será mais damnada.

(BARROS, 2000, p. 15, 16)

Conforme vimos nos folhetos, a ideia de um comportamento mais livre das convenções sociais, assumidas pela figura feminina e vista de forma negativa, é apresentada como algo que assusta e afasta o pretendente. Esse aspecto revela uma espécie de violência simbólica, que visa amedrontar qualquer tentativa de fugir desses estereótipos, por isso, essas ideias são alimentadas por aqueles que tentam impor à mulher uma postura resignada e servil. Convenientemente, na narrativa em estudo, acontece a estruturação da crítica ao comportamento apresentado pela personagem, para que ele não seja seguido. Assim, é possível observar que essa crítica comportamental acerca da figura feminina é recorrente na poesia de Leandro Gomes de Barros.

A Mulher na poesia satírica de Leandro Gomes de Barros

No folheto de Leandro Gomes de Barros, a figura feminina não é representada por seus atos heroicos, tampouco ela é colocada como exemplo de mulher virtuosa. São atribuídos à personagem feminina condutas e ideais contrários aos comportamentos aceitáveis pela sociedade conservadora da época. No enredo, a imagem da mulher é colocada em posição de caráter duvidoso, visto que ela é caracterizada por seus defeitos e fraquezas. Observamos que a crítica social é evidenciada em alguns momentos da história, para criticar não somente a postura da personagem enquanto mulher, mas também instituições como casamento e família. Aqui, a Lagartixa é apresentada como ser egocêntrico que zomba da instituição do casamento e da constituição da família. Em consonância com essa assertiva, Bradesco-Goudemand (1982, p. 127) observa que

Aqui, vê-se a mulher que ridiculariza a honradez remediada de seus sogros, que gaba, ao contrário, a leviandade cínica e interesseira da própria mãe; e é somente por meio de tal caricatura que se pode atingir com essa desenvoltura o respeito absoluto que merece a mãe, feita santa pela maternidade. Eis que ela zomba também do noivado, pois que seu pai mal tem tempo de perceber que o “serviço” já havia sido feito: “Quando veio abrir os olhos/ foi tarde, já tinha neto”; zomba da instituição sagrada do casamento, cujo único valor, a seus olhos, é assegurar-lhe em bem-estar fácil... e a impunidade social:

Essas concepções e ideais de que o papel da mulher seria simplesmente procriar e ser submissa ao marido contribuíram para a construção imaginária de que a função da mulher na sociedade se limitava apenas a ser esposa, dona de seu lar e mãe. No folheto, a personagem feminina apresenta

um comportamento incabível a uma pessoa comprometida, já que, na história, a infidelidade da personagem ao seu esposo fica em evidência. Para a Lagartixa, pouco importava quem seria seu marido, desde que estivesse casada. Como podemos ver na atitude da Lagartixa, quando o romance inicialmente é proibido e o casal apaixonado se separa, ela logo trata de procurar por outro, como podemos perceber nas duas estrofes abaixo:

Aí saiu o Calango
Pelo mundo foragido
A Lagartixa também
Se pôs ao fresco Escondido,
Tanto que quando voltou
Já foi com outro marido.

Pensou consigo o Calango
— não devia ser ingrato
E não voltando dali
Seria corno de fato
E mesmo era covarde
Se não saísse do matto.

(BARROS, 2000, p. 06)

Essa atitude da Lagartixa é inapropriada, de modo a ser caracterizada, no texto, como uma pessoa infiel, cínica e maliciosa, pois, segundo o próprio enredo, uma mulher divorciada que valorizava mais sua liberdade do que sua família não era bem vista pela sociedade. Como podemos ver nas duas estrofes abaixo, retiradas do folheto do Leandro Gomes de Barros.

Disse o Calango: É bonito,
Você se divorciar,
Abandonar seu marido
E o povo a censurar,
Seu nome ficar na rua
Gato e cachorro a falar.
[...]

Dizia ela: Rapaz
Não se veixe, isto é asneira,
Existem duas farturas:

É de mulher e poeira,
Debaixo de qualquer ponte
Você acha, tantas queira.

(BARROS, 2000, p. 10 -11).

Diante desse cenário, percebemos que a atribuição dessas características a uma mulher com tal comportamento vem desde os tempos mais remotos, dependendo da comunidade na qual a mulher está inserida. Segundo Raminelli (2004, p. 20, grifos do autor), “o adultério feminino causava grande horror. O *homem enganado* podia repudiar a *mulher faltosa*, expulsá-la, ou ainda, em casos extremos, matá-la, pautando-se na *lei natural*”. Neste sentido, o matrimônio era o único e principal caminho que a mulher deveria trilhar para alcançar a felicidade, visto que, nas sociedades mais tradicionais, o auge na vida de uma mulher adulta era deixar de ser solteira passando a ser esposa. De acordo com Oliveira (2017, p. 121), “ao contrair matrimônio se tornaria uma mulher plena, exercendo o ‘dom divino’ da maternidade”.

Assim, no folheto em estudo, é possível observar que há uma predominância do pensamento hegemônico quanto à posição ocupada pela mulher na sociedade, além de reproduzir um discurso de como a mulher ideal não deveria se comportar socialmente. Observou-se, ainda, que o final trágico para a Lagartixa e para o Calango, assumem um atributo do fabuloso, que corresponde a uma marca recorrente da nossa realidade.

Sob esse viés mítico que se passa no mundo dos animais, é possível caracterizar a Lagartixa como a mulher transviada que, segundo Oliveira (2017, p. 132), corresponde àquela que se “desviou dos padrões morais, éticos e sociais vigentes, e no contexto nordestino seria a mulher que, vivendo em um novo regime, a República, começa a se interessar pelos novos modelos de sociabili-

dade que se instalavam e pela própria liberdade que começava a possuir”. Nesta perspectiva, a personagem feminina no folheto *Casamento e divórcio da Lagartixa*, encarna o estereótipo da esposa infiel, cínica e interesseira, aquela que só consegue pensar em si mesma, como podemos perceber nas estrofes abaixo retiradas do texto de Leandro.

Então o Calango disse:
Veja se bota o almoço...
Respondeu-lhe a Lagartixa:
Tenha paciência, moço
À falta de dois vinténs
Eu hontem comi ensosso.

E se você voltou liso
Dana-se agora o negócio
Póde arruamar a trouxa
E vamos abrir o divórcio,
Caixeiro sem capital
Só nos loucros será sócio.

Marido sem nem um “X”
Não quero que não me acode,
Não tem que ficar zangado
Nem que puxar o bigode,
Mulher hoje em dia é luxo
E luxo só tem quem pode.

Mamãe dizia ao papai:
“Se estiver aborrecido,
me avise logo com tempo
e pode ficar prevenido,
da forma que eu mudo a saia
também mudo de marido”.

E note bem que já fez
Mas de um mês que estou casada
E não agüento mais
Esta vida assim privada,
Trabalhar para comer”?
Vou-te, seu Zé, vai lá nada...

O Calango disse a ela:
Mulher, não fale em divórcio!
Respondeu-lhe a Lagartixa:
Você parece um beócio,

Escolha de duas uma:
Ou deixá-lo ou dar-lhe sócio.

Agora estou conhecendo
Que a vida é uma pilhéria,
Antes viúva contente
Do que conservar-se seria,
Quem adotar meu sistema
Nunca se vê na miséria.

(BARROS, 2000, p. 09 - 10)

Dessa forma, no cordel, *O casamento e divórcio da Lagartixa*, a história se passa com personagens/animais, porém, conforme Bradesco-Goudemand (1982, p. 125), esse mundo não está muito distante do nosso, ao contrário, “é mais que um reflexo das qualidades e sobretudo dos defeitos dos homens; uma caricatura, ainda mais surpreendente por se tratar de nossos ‘irmãos inferiores’, que adotam nosso modelo e nossas torpezas”.

Considerações finais

Leandro Gomes de Barros foi, segundo Câmara Cascudo (2005), entre os escritores da poesia popular, o mais lido. Suas obras alcançaram diferentes grupos sociais, pois seus cordéis versam sobre temáticas importantes da nossa sociedade, como a mensagem apresentada no folheto *Casamento e Divórcio da Lagartixa*, que apresenta a mulher como uma pessoa defeituosa, por não seguir os valores impostos/apresentados socialmente. A figura feminina, nesse poema popular, é colocada como a mentirosa, vaidosa e desobediente.

Essa representação da mulher como traiçoeira e não merecedora de confiança se repete, ainda que com algumas alterações, em outras versões como a de João Martins de Athayde, demonstrando o quanto essas questões carecem de reflexões em nossa sociedade, para que não se limitem a criar

rótulos para as mulheres por suas escolhas ou interesses.

Assim, após a leitura do folheto, é possível observar que este apresenta uma visão em que se costumava ver a mulher como ser submisso a quem não era permitido certas ações e posturas. Hoje, essa forma de pensar a figura feminina e seu papel no contexto social tem sido combatida pela força e o surgimento dos grupos femininos em busca de direitos, desde os mais elementares, como exemplo o direito de escolha sobre ser mãe ou casar-se, até outros mais complexos como a possibilidade de representação nos cargos de poder político e econômico na sociedade. Tal compreensão desestabiliza concepções e conceitos socioculturais sobre o lugar em que a mulher deve ocupar em nossa sociedade.

Dessa forma, ratificamos a necessidade de estudos que contemplem reflexões acerca da figura feminina na literatura e que ajudem a desconstruir ideias antiquadas e limitadoras, fomentando o debate de que nós mulheres merecemos usufruir de todos os direitos que nos cabem enquanto seres humanos e sujeitos de direito que somos. Cabe destacar ainda que mesmo sendo o texto de Leandro Gomes de Barros permeado de humor e de uma temática aparentemente ingênua que é capaz de encantar o leitor, ao mesmo tempo, ele também desnuda aspectos da realidade e construções ideológicas através da sátira promovendo junto aos leitores mais atentos uma reflexão sobre os valores éticos e sociais vigentes em cada época.

Referências

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999.

ATHAYDE, João Martins de. **O casamento do Calangro**. Juazeiro, 1978. Disponível em: <https://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2020/12/0-Casamento-do-Calan->

[go-com-a-lagartixa-Literatura-de-Cordel-por-Leandro-Gomes-de-Barros.pdf](#). Acesso: 25 de agosto de 2022.

BARROS, Leandro Gomes de. **Casamento e divórcio da Lagartixa**. Fortaleza: Tupynanquim Editora, 2000.

BRADESCO-GOUDEMAND, Yvonne. **O ciclo dos animais na literatura popular no nordeste**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e cantadores**. São Paulo: Global, 2005.

CURRAN, Mark J. A sátira e a crítica social na Literatura de cordel. In: JÚNIOR, Manuel Diégues. (et al.). (Orgs.). **Literatura popular em verso**. Rio de Janeiro: MEC/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986, p. 311-347.

FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. Operadores de Leitura da Narrativa. In: BONNICI, Thomas. ZOLIN, Lúcia Osana (org.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3.ed. Maringá: Eduem, 2009.

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. Trad. Dorothee de Bruchard. São Paulo: SESI-SP, 2018.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O Cordel no Cotidiano Escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

NASCIMENTO, Bráulio do. O ciclo dos animais na poesia popular. In: JÚNIOR, Manuel Diégues. (et al.). (Orgs.). **Literatura popular em verso**. Rio de Janeiro: MEC/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986, p. 192-265.

OLIVEIRA, Letícia Fernanda da Silva. **De mártir a meretriz: Figurações da mulher na Literatura de Cordel (1900-1930)**. 2017. 192 f. Dissertação (Master's thesis in Language and Literature). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2017.

PINHEIRO, Hélder. Cordel para crianças e permanência da tradição oral. In: FERREIRA, E. Ap. G. R.; MARQUES, F. C. A.; BULHÕES, R. M. (Orgs.). **Literatura de cordel contemporânea**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2020.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2018.

PINHEIRO, Hélder. "O que ler? Por quê? A literatura e seu ensino". In: DALVI, M. A.; REZENDE N. L.; JOVER-FALEIROS. R. (Orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

RAMINELLI, Ronald. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SOBRINHO, Manoel Pereira. **O casamento do Calangro com a Lagartixa**. São Paulo: Editora

Prelúdio, 1959.

SOBRINHO, Manuel Pereira. **Fundação Casa de Rui Barbosa**. Disponível em: http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/cordel/ManuelPereira/manuelPereira_biografia.html. Acesso: 30 de setembro de 2022.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminina. In: BONNICI, Thomas. ZOLIN, Lúcia Osana (org.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3.ed. Maringá: Eduem, 2009.

Recebido em: 16/03/2023

Aprovado em: 19/05/2023



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.